

CONTRIBUIÇÃO PARA A CARTA ARQUEOLÓGICA DA FREGUESIA DE BELVER (CONCELHO DE GAVIÃO)

João Luís Cardoso

Rogério Pires Carvalho

1. Única porção do território do distrito de Portalegre a situar-se para Norte do rio Tejo, a freguesia de Belver apresenta características bem diferenciadas das do resto do concelho de Gavião, a que pertence administrativamente.

Estende-se por uma área de 7 045 hectares, onde se situam 14 povoações, que apresentam como elemento comum um reduzidíssimo índice populacional (o censo de 1981 apurou um total de 1431 moradores).

Essencialmente rural, toda a parte norte da freguesia encontra-se ocupada por floresta (pinhal), estando as restantes zonas povoadas com olival, sobretudo nas margens do Tejo e ribeiras afluentes, constituindo uma das principais fontes de receita da população.

Do ponto de vista geológico, trata-se de área ocupada, quase exclusivamente, por afloramentos pertencentes ao Maciço Antigo, ou Hespérico, que constituem a ossatura da Meseta, aqui já em posição periférica. Trata-se de rochas graníticas de idade hercínica, representando o prolongamento, para Norte do Tejo, dos afloramentos alto-alentejanos, e de rochas xistosas, frequentemente metamorfisadas nas zonas de contacto com as primeiras, pertencentes ao grande afloramento xisto-grauváquico das Beiras.

As duas formações antes referidas encontram-se indiferenciadamente cobertas por depósitos detríticos, geralmente grosseiros (cascalheiras e arenitos), atribuídos ao Mio-Pliocénico. Na topografia actual, correspondem a extensa superfície planáltica, posteriormente retalhada pelos cursos de água actuais que assim individualizaram pequenos cabeços, coroados pelos restos daqueles antigos depósitos.

2. As notícias ou trabalhos que contemplaram esta região foram muito escassos. Nos inícios deste século, mais concretamente em 1912, Félix Alves Pereira aqui se deslocou, do que resultou o trabalho intitulado «A antiguidade em Belver»¹, onde são referidos uma série de vestígios «lusitano-romanos» detetados na Quinta do Ribeiro da Nata; apesar da sua antiguidade, é, de todos os trabalhos surgidos, aquele que veicula maior volume de informação, sendo de realçar, como ponto essencial, a publicação de quatro inscrições que só bastante mais tarde serão de novo reunidas e estudadas com a devida atenção.

Nos anos quarenta, surgem novas referências a Belver: em 1948, o general João d'Almeida², no capítulo com que contempla o concelho de Gavião, mais concretamente nas alíneas IV e VI, refere o «Castelo da Torre» e o «Castro do Ribeiro da Nata». Em ambos os casos, a informação é sumária e sem qualquer tipo de referência que, no mínimo, a fundamente. Um ano mais tarde, em 1949, o padre Jalhay

publicou na revista «Brotéria»³ um artigo intitulado *Lápides romanas dos arredores de Mação*, no qual incluiu três inscrições — duas aras e um epitáfio — encontradas na área das freguesias de Belver. Com base neste trabalho, posteriores referências serão feitas por Bairrão Oleiro⁴, Maria Amélia Horta Pereira⁵, Maria de Lourdes Albertos⁶ e José d'Encarnação⁷.

Na década de cinquenta, registam-se duas notícias referentes a esta freguesia: a primeira, efectuada por Georg e Vera Leisner⁸, que referem a existência de uma anta em Belver; a segunda, feita por Mário Saa⁹, que defende a localização do município aritiense (*Aritium Vetus*), na quinta do Ribeiro da Nata, e não em Alvega.

A partir dos anos setenta, surgiram três trabalhos monográficos que passamos a referir: o primeiro, de J. Luís Cardoso¹⁰, onde é efectuada o estudo de um conjunto de peças do período paleo-epipaleolítico; o segundo, de José C. Lobato Ferreira¹¹, constituído por uma monografia histórica da antiga vila; por último, de José d'Encarnação e Rogério Carvalho¹², um catálogo da epigrafia local.

Da compilação dos trabalhos mencionados e das prospecções até agora realizadas, resultou o esboço de carta arqueológica apresentado na Fig. 1.

Período paleo-epipaleolítico

Martins

Localização: M = 214,1; P = 281,4; folha 322 S.C.E. (1 : 25 000).

O alto da Martins encontra-se coberto por materiais coluviais, derivados da cascalheira terciária que coroa o cume da elevação. Trata-se de cascalheira poligénica, predominando elementos de quartzito e de quartzo. Na sua superfície, recolheram-se algumas dezenas de artefactos, dentre os quais alguns tipologicamente característicos do Acheulense (superior?), como o pequeno biface representado na Fig. 2, 2 embora alguns materiais possam ser mais recentes. Dentre estes, saliente-se o «denticulado», representado na Fig. 2, 1, executado numa lasca de sílex, material inexistente na região, atribuível ao Paleolítico médio.

Vale da Fonte

Localização: M = 213,2; P = 281,8; folha 322 S.C.E. (1 : 25 000).

Trata-se de estação de superfície, localizada em 1973 e publicada seis anos mais tarde, correspondendo a uma área de contorno mal definido, situada num retalho das cascalheiras de planalto, de idade mio-pliocénica. Recolheram-se cerca de uma centena de artefactos de quartzito, cuja tipologia se filia no conjunto das indústrias «languedocenses»¹³. Pela homogeneidade que evidenciam e pela aparente concentração no terreno, estes materiais correspondem certamente a vestígios de um acampamento temporário de um pequeno grupo humano. Outra série, mais antiga, constituída apenas por onze exemplares pouco característicos, foi considerada como podendo pertencer ao Acheulense.

Alagoa

Localização: M = 219,8; P = 282,6; folha 323 S.C.E. (1 : 25 000).

As condições de jazida deste sítio correspondem à existência de materiais coluvionados; trata-se de cascalheiras derivadas da antiga cobertura terciária, essencialmente constituída por seixos quartzíticos. Os

artefactos líticos ocorrem à superfície deste depósito, aliás de fraca espessura, tendo como suporte físico elementos rolados. Tipologicamente, trata-se de conjunto de características «langedocenses», conforme se pode concluir dos materiais figurados na Fig. 4, 2 e 3.

Período neo-calcolítico

Montalto

Numa propriedade do sr. professor Aníbal Fernandes, foi por este recolhido um machado de pedra polida, em anfibulite, de secção circular e com 22 cm de comprimento. Nada sabemos das condições de jazida do artefacto, nem tão-pouco a data do achado. Quando nos foi mostrado, apresentava vestígios de re-utilização como pedra de amolar.

O local do achado, na Carta Militar de 1:25 000, n.º 322 — MAÇÃO, apresenta as seguintes coordenadas: M = 215,4; P = 281,1; a cota média é de 220 metros. Encontra-se actualmente coberto por denso matagal, facto que dificulta a actividade de prospecção.

A peça integra a colecção de materiais arqueológicos existente no castelo da povoação.

Anta do Lameirão

Localização: M = 211,6; P = 280,0; folha 322, S.C.E. (1:25 000).

Situada numa cota média de 140 metros, encontra-se parcialmente destruída, apenas com dois esteios graníticos «in situ». Outros três apresentam-se fracturados e deslocados, muito provavelmente na sequência de trabalhos agrícolas que se tenham processado no local. O recinto da câmara do monumento está ocupado com uma oliveira, não sendo visíveis quaisquer vestígios nem do corredor, nem da mamoa.

Não foram detectados quaisquer materiais arqueológicos na área envolvente do monumento.

Anta do Penedo Gordo

Localização: M = 211,7; P = 280,2; folha 322, S.C.E. (1:25 000).

Situada numa zona bastante acidentada, com afloramentos graníticos sobre o declive que desce para a Ribeira de Eiras, perto da povoação de Torre Fundeira (Fig. 6).

Apresenta sete esteios de grandes dimensões, dos quais quatro emergem do solo a uma altura superior a dois metros; os restantes, assim como a tampa do monumento, encontram-se tombados, como provável consequência de violações antigas.

A câmara, poligonal, com um comprimento máximo de 3,30 metros, encontra-se evidentemente violada; o mesmo não parece ter acontecido na área do corredor, no qual são visíveis quatro esteios, de pequena dimensão. Apresenta igualmente vestígios da mamoa, na zona encostada aos esteios da câmara.

Muito provavelmente, poder-se-á identificar este monumento megalítico com a «anta de Belver», mencionada pelo casal Leisner¹⁴, embora de forma sumária e imprecisa quanto à sua localização. Trata-se, de facto, do monumento megalítico em melhor estado de conservação existente na freguesia, motivo que justificou a sua classificação como imóvel de interesse concelhio, no ano de 1984¹⁵.

Anta do Vale Pedro Domingues

Localização: M = 212,2; P = 281,0; folha 322, S.C.E. (1:25 000).

Este monumento foi totalmente arrasado na década de sessenta, com a finalidade de obter pedra para a construção de um «palheiro», que presentemente se ergue naquele local. Segundo informação, que nos foi fornecida por um trabalhador, os esteios foram quebrados e utilizados nas fundações da obra. Um dos esteios, com 2,90 metros de comprimento, foi usado para erguer o murete que confina com a habitação, sendo actualmente ainda visível uma das suas faces.

Juntamente com as duas antas referidas, e que lhe são muito próximas, constitui o último vestígio do megalitismo existente na freguesia.

Período Romano

Ribeiro da Nata — Fonte da Moura

Localização: M = 214,5; P = 281,7; folha 322, S.C.E. (1:25 000).

Antiga quinta, situada a 2 km para norte de Belver, sofreu, no início deste século, uma profunda reconversão dos solos, facto que originou numerosos achados arqueológicos¹⁶.

Na sequência deste acontecimento, Félix Alves Pereira, um ano mais tarde, aqui se deslocou, tendo igualmente recolhido materiais que transportou para o Museu¹⁷.

Considerado, sucessivamente, como um castro, pelo general João d'Almeida¹⁸, ou como uma cidade, por Mário Saa¹⁹, facto é que inúmeros vestígios romanos se espalham por toda uma vasta área, sendo de destacar um apreciável conjunto de materiais de construção, em granito, aplicados nos muros (Fig. 7) que dividem a propriedade. Alguns desses materiais (Fig. 5, 6 a 10), encontram-se guardados no castelo de Belver.

Em 1983, foram efectuadas sondagens nesta estação, por um de nós²⁰, as quais revelaram, através dos materiais exumados, um período de ocupação que medeia entre os séculos I e IV. No entanto, o carácter limitado da sondagem impediu a avaliação da verdadeira natureza da estação.

Forte Chã — Lameiras

Localização; M = 218,2; P = 286,6; folha n.º 323, S.C.E. (1:25 000).

Nas imediações da povoação de Vilar da Mó, junto da capela de S. João Evangelista, onde em 1945 foram encontradas duas aras dedicadas a uma divindade local²¹, foram por nós recolhidos cinco elementos de mós (Fig. 5, 1 a 5), bem assim como fragmentos de cerâmicas várias, com predominância para as cerâmicas de construção: tegulae, imbrices e lateres.

Ribeiro da Areia

Localização: M = 217,8; P = 283,0; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Na encosta de uma colina, a 500 metros do lugar da Areia, e na sequência de terraplanagens para plantio de eucalipto, foi descoberto na propriedade do Sr. João Martins, morador naquele lugar, um capitel de coluna, em granito e com vestígios de decoração.

Numa visita posterior, observámos uma extensa mancha de materiais de construção muito fragmentados, assim como blocos de xisto com vestígios de argamassa. O xisto alterado da base mistura-se com estes materiais; estamos em crer que qualquer intervenção a desencadear poucos resultados práticos obteria, dado o profundo revolvimento a que as máquinas sujeitaram os solos.

Feiteira — Outeiro Cimeiro

Localização: M = 220,2; P = 282,0; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

A meia encosta sobre a Ribeira do Braçal, a uma cota média de 230-240 metros, foi encontrada uma estela funerária, nos meados da década de quarenta. Recolhida pelo dr. Calado Rodrigues, foi mais tarde estudada pelo P.^e Jalhay²², que a publicou.

A revisão posterior dessa primeira leitura²³, veio a reconhecer que o epitáfio é dedicado a um habitante do «conventus Cluniensis», que certamente terá emigrado para esta região, onde veio a falecer.

Deslocámo-nos ao local juntamente com o sr. Domingues Pires, que efectuou o achado, mas não detectámos qualquer tipo de materiais arqueológicos à superfície do terreno.

Brigadinhas

Localização: M = 216,7; P = 280,2; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Nesta propriedade, situada no declive que desce para o Tejo, e relativamente próxima da povoação de Alvisquer, foi-nos mostrada a «Pedra da Viola».

É constituída por uma laje de granito, afeiçoada, que podemos considerar organizada em dois elementos: uma parte circular e um «corpo» irregular (Fig. 9). Encontrava-se juntamente com outros blocos boleados de granito, num grande afloramento denominado «Penedo Mouro», e era conhecida pela população de Alvisquer.

Tem um comprimento máximo de 1,95 metros, tendo a parte circular 0,75 de diâmetro. Apresentou um de nós este «megálito» na mesa-redonda²⁴ realizada em Belver, tendo nessa altura o sr. dr. Beleza Moreira defendido a hipótese de se tratar de uma enorme cabeceira de sepultura.

Lapa de Moniz — Outeiro

Localização: M = 218,9; P = 281,4; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Na margem esquerda da Ribeira de Canas, num declive de forte inclinação, encontra-se a Lapa de Moniz; trata-se de duas galerias de mineração, abertas paralelamente, e com ligação interior entre ambas. Escavadas no sentido penetrante da encosta, atingem uma profundidade na ordem dos 40 metros. Algumas placas de xisto, provenientes de abatimentos antigos, dificultam a circulação no seu interior.

Próximo da entrada da lapa existem igualmente antigos poços de mineração.

Buraca da Lameira — Outeiro

Localização: M = 219,7; P = 280,5; folha n.º 323, S.C.E. (1:25 000).

Tal como a anterior, é formada por duas entradas abertas na escarpa de xisto, praticamente dentro da povoação de Outeiro Cimeiro. Encontra-se muito entulhada, pelo que a sua penetração se faz com grande dificuldade.

Nas imediações são visíveis vestígios nítidos de mineração a «céu aberto»²⁵.

Período moderno

Sítio da Alagoa

Localização: M = 219,6; P = 282,8; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Situa-se na vertente da encosta fronteira ao «sítio da Feiteira». Dentro de um denso matagal encontra-se um conjunto de ruínas que julgamos ser de noticiar: é constituído por um cercado de pedra seca e, no seu interior, um conjunto de estruturas de casas de planta rectangular e semi-circular (Fig. 10). Trata-se do que resta do lugar de Alagoa, povoado que ainda no século XVIII contava com «quatro vizinhos», conforme consta da resposta ao inquérito do P.º Luís Cardoso²⁶ feito pelo então pároco de Belver, Frei Manoel Lourenço Dourado²⁷.

Existe grande quantidade de cerâmicas vidradas, modernas, nas imediações.

Monte Alegre — Outeiro

Localização: M = 221,6; P = 282,7; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Tal como a Alagoa, Monte Alegre foi povoação habitada ainda no século XVIII, mais concretamente em 1759²⁸, com quatro vizinhos. Abandonado por motivos que ignoramos, encontra-se em melhor estado de conservação do que o referido anteriormente.

De igual forma, existe abundância de material cerâmico nas imediações.

Outeirinho — Vilar da Mó

Localização: M = 217,8; P = 286,3; folha 323, S.C.E. (1:25 000).

Situado num esporão rochoso, sobranceiro ao Ribeiro do Vilar da Mó, existem vestígios de um antigo povoado, em tudo semelhante aos anteriores.

Na encosta, concentra-se grande quantidade de fragmentos cerâmicos; aqui se recolheu um pequeno bordo de um prato de «aranhões».

Conhecido pela população de Vilar da Mó como o «povo velho», não encontramos nenhuma referência bibliográfica a seu respeito.

Capela de Vilar da Mó

De traça seiscentista, é um imóvel de pequenas dimensões, sóbrio, sem mais ornamentos do que o campanário que se ergue na frontaria. É dedicada a S. João Evangelista.

Nos anos quarenta, na sequência das obras de restauro, foram encontradas duas aras: uma sem referir a divindade, e a outra dedicada ao deus Banda Picius. Este facto originou a hipótese da capela se erguer sobre um local de culto muito mais remoto, que foi assim cristianizado²⁹.

Capela de N.ª S.ª das Sete Fontes

Situa-se nas imediações do lugar de Torre Fundeira, na propriedade do mesmo nome, muito perto do conjunto de antas referido.

É uma construção do século XVI, isolada, actualmente utilizada como palheiro e local de arrecadação de alfaias agrícolas. Tanto exterior como interiormente, foi objecto de profundas transformações, que alteraram a sua traça primitiva (Fig. 11).

Na parede lateral direita, foi preservada uma placa de mármore branco (Fig. 12), onde, em caracteres bem lançados, se pode ler o segundo texto: ESTA CASA DE NOSA SENRA/DAS SETE FONTES • MADOV /FAZER • BRAS DIAZ • CAPE/LÃO DEL REY • E VIGRO DA CIDA/DE DE CHAUL • O ANO D • 1554.

Julgamos que, para além do interesse que haveria em investigar esta personagem, seria importante o estudo e a recuperação deste imóvel, certamente uma das construções mais antigas da freguesia.

Capela de N.ª S.ª do Pilar

Situada na povoação de Belver, é uma construção dos finais do século XVII, mandada erigir pelo vigário da vila de Belver, António Álvares Heitor.

Construída em alvenaria, introduz elementos decorativos originais, tal como o recurso à técnica do esgrafitado, que ornamenta a frontaria do imóvel (Fig. 13).

Em 1983 foi objecto de um pedido de classificação, encontrando-se actualmente classificado como imóvel de interesse concelhio.

Nota final

Este trabalho não pretende ser um estudo completo e exaustivo, muito longe disso; mais não é do que o acervo das informações de que presentemente dispomos e que representam um ano de investigação e de trabalho.

Só o estudo das diferentes estações arqueológicas, aqui referidas, poderá adiantar novos elementos para um melhor conhecimento do passado desta região de profundos contrastes que é, afinal, o alto Tejo.

Integrada nesta área geográfica, a freguesia de Belver regista níveis de povoamento mais ou menos intensos, evidenciando estratégias de ocupações diferenciadas e diferentes necessidades, consoante as diferentes épocas a que se reportam.

Para preservar esses registos, que ignorâncias ou incúrias por vezes irremediavelmente destroem, julgamos ser urgente um trabalho sistemático e criterioso, tendente à elaboração de uma Carta Arqueológica local.

A terminar, agradecemos a António Severino Rodrigues os desenhos apresentados nas Figuras 2, 3 e 4.

- ¹ PEREIRA, F. Alves, *A Antiguidade em Belver*, in «O Arqueólogo Português», I série, vol. XVII, Lisboa, 1912, pág. 265-275.
- ² ALMEIDA, João d', *Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses*, vol. III, Lisboa, 1948.
- ³ JALHAY, Eugénio, *Lápides romanas dos arredores de Mação (Beira Baixa)*, in «Brotéria», vol. XLVIII, fasc. 2, 1949.
- ⁴ OLEIRO, J. M. Bairrão, *Actividades arqueológicas no concelho de Mação (Beira Baixa, Portugal)*, in «Zephyrus», vol. II, Salamanca, 1951, pág. 107-109.
- ⁵ PEREIRA, M.^a Amélia Horta, *Monumentos históricos do Concelho de Mação*, Coimbra, 1970.
- ⁶ ALBERTOS, M.^a de Lourdes, *La onomástica personal primitiva de Hispania*, Salamanca, 1966.
- ⁷ ENCARNAÇÃO, José d', *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1975.
- ⁸ LEISNER, Georg e Vera, *Die megalithgräber der iberischen halbinsel — der westen*, Berlin, 1959.
- ⁹ SAA, Mário, *As grandes vias da Lusitânia*, vol. V, Lisboa, 1964, pág. 215.
- ¹⁰ CARDOSO, João Luís, *A jazida paleolítica de Vale da Fonte (Belver)*, in «Setúbal Arqueológica», Setúbal, 1978.
- ¹¹ FERREIRA, José C. Lobato, *Monografia da antiga vila de Belver (Da Ordem de S. João do Hospital)*, ed. Câmara Municipal de Gavião, 1984.
- ¹² ENCARNAÇÃO, José d', e CARVALHO, Rogério, *Belver ao tempo dos Romanos — a população e suas crenças*, ed. Assembleia Distrital de Portalegre, 1984.
- ¹³ Sobre a problemática das indústrias «languedocenses» consultar RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (no prelo), *O Languedocense — ensaio de caracterização morfo-técnica e tipológica*, «O Arqueólogo Português». S. IV, Vol. II, Lisboa.
- ¹⁴ *Op. cit.*, pág. 12.
- ¹⁵ Comunicação por ofício do I.P.P.C. datado de 19 de Julho de 1984.
- ¹⁶ CARVALHAES, José, *Aquisições do Museu Etnológico Português*, in «O Arqueólogo Português», vol. XVI, Lisboa, 1910, pág. 106.
- ¹⁷ PEREIRA, Félix Alves, *op. cit.*, pág. 272 e segs.
- ¹⁸ ALMEIDA, João, *op. cit.*, págs. 138-139.
- ¹⁹ SAA, *op. cit.*, pág. 215.
- ²⁰ CARVALHO, Rogério, *A estação romana do Ribeiro da Nata — Belver*, ed. Assembleia Distrital de Portalegre, 1985 (no prelo).
- ²¹ JALHAY, P.^o E., *op. cit.*, págs. 226 e segs.
- ²² JALHAY, P.^o E., art. cit., págs. 233-236.
- ²³ ENCARNAÇÃO, José d' e CARVALHO, Rogério, *op. cit.*, págs. 21-23.
- ²⁴ Integrado nas comemorações dos 790 anos da fundação do castelo de Belver, realizou-se uma «mesa-redonda» em Junho de 1984 que debateu questões relacionadas com a preservação do património arqueológico, artístico e arquitectónico desta freguesia.
- ²⁵ A actividade mineira mantém-se, nesta povoação, até ao século XX, atestada pela documentação existente no Arquivo da Câmara Municipal de Gavião, nomeadamente no livro de «Concessão de Jazidas e Minas». A lavagem de aluviões auríferos foi praticada sistematicamente até à construção da barragem de Belver.
- Estamos em crer que esta actividade poderá ser uma das respostas possíveis para a romanização deste território.
- ²⁶ CARDOSO, P.^o Luís, *Dicionário Geográfico de Portugal*, Lisboa, 1747-51.
- ²⁷ FERREIRA, J. C. Lobato, *ob. cit.*, pág. 90.
- ²⁸ FERREIRA, J. C. Lobato, *ob. cit.*, pág. 90.
- ²⁹ ENCARNAÇÃO, José d' e CARVALHO, Rogério, *op. cit.*, pág. 19.

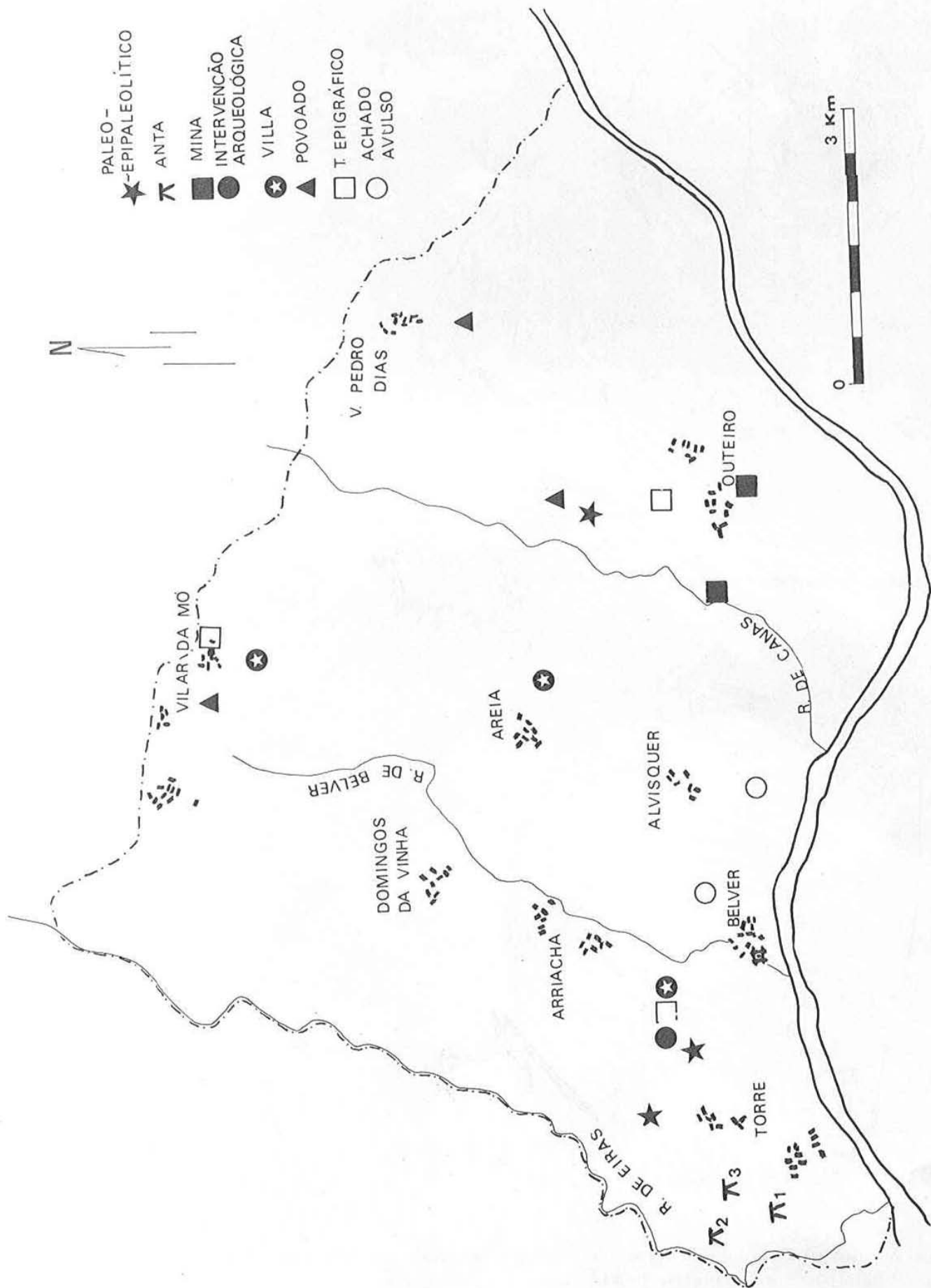


Fig. 1: Esboço de carta arqueológica de Belver.

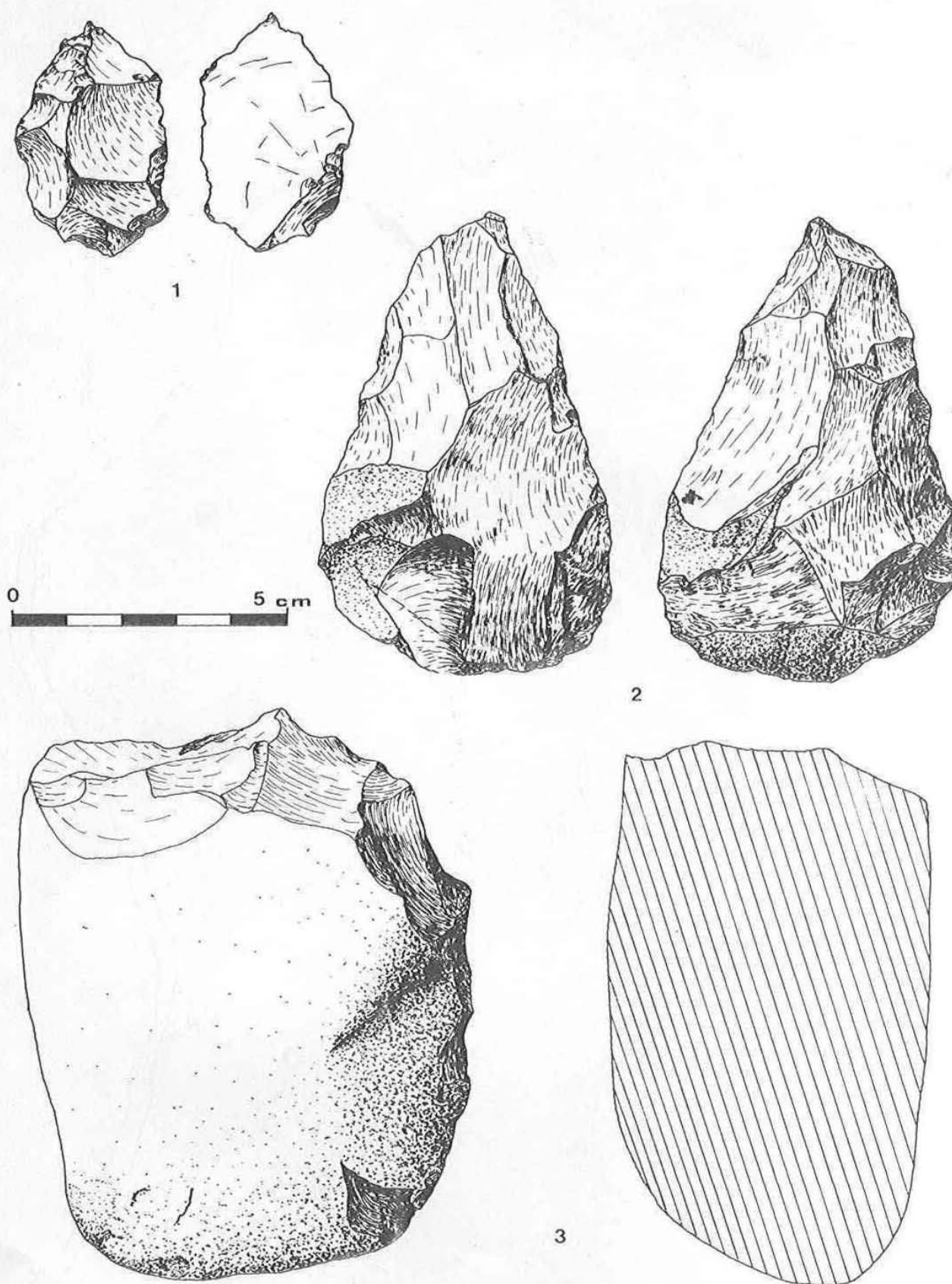


Fig. 2: Materiais paleo-epipaleolíticos da freguesia de Belver: 1. Denticulado sobre lasca de sílex (Paleolítico médio?) — Martins; 2. Biface piriforme de quartzito (Acheulense superior?) — 3. Seixo afeiçoado de quartzito de talhe «languedocense» — Vale da Fonte.

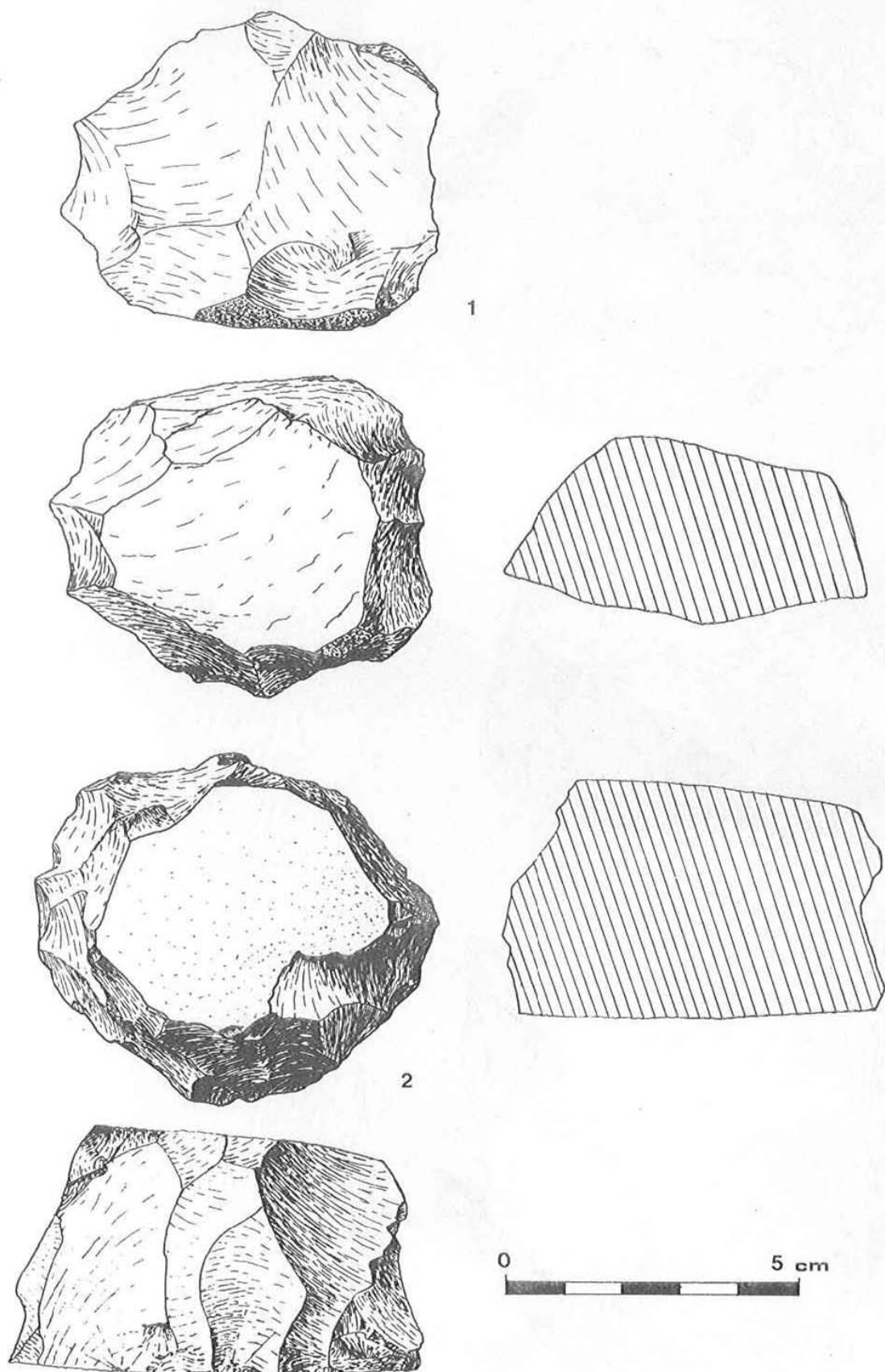


Fig. 3: Indústrias «languedocenses» encontradas na freguesia de Belver: 1. Núcleo discóide com planos de percussão preparados — Vale da Fonte; 2. Seixos afeiçãoados em toda a periferia (raspadeira) — Vale da Fonte.

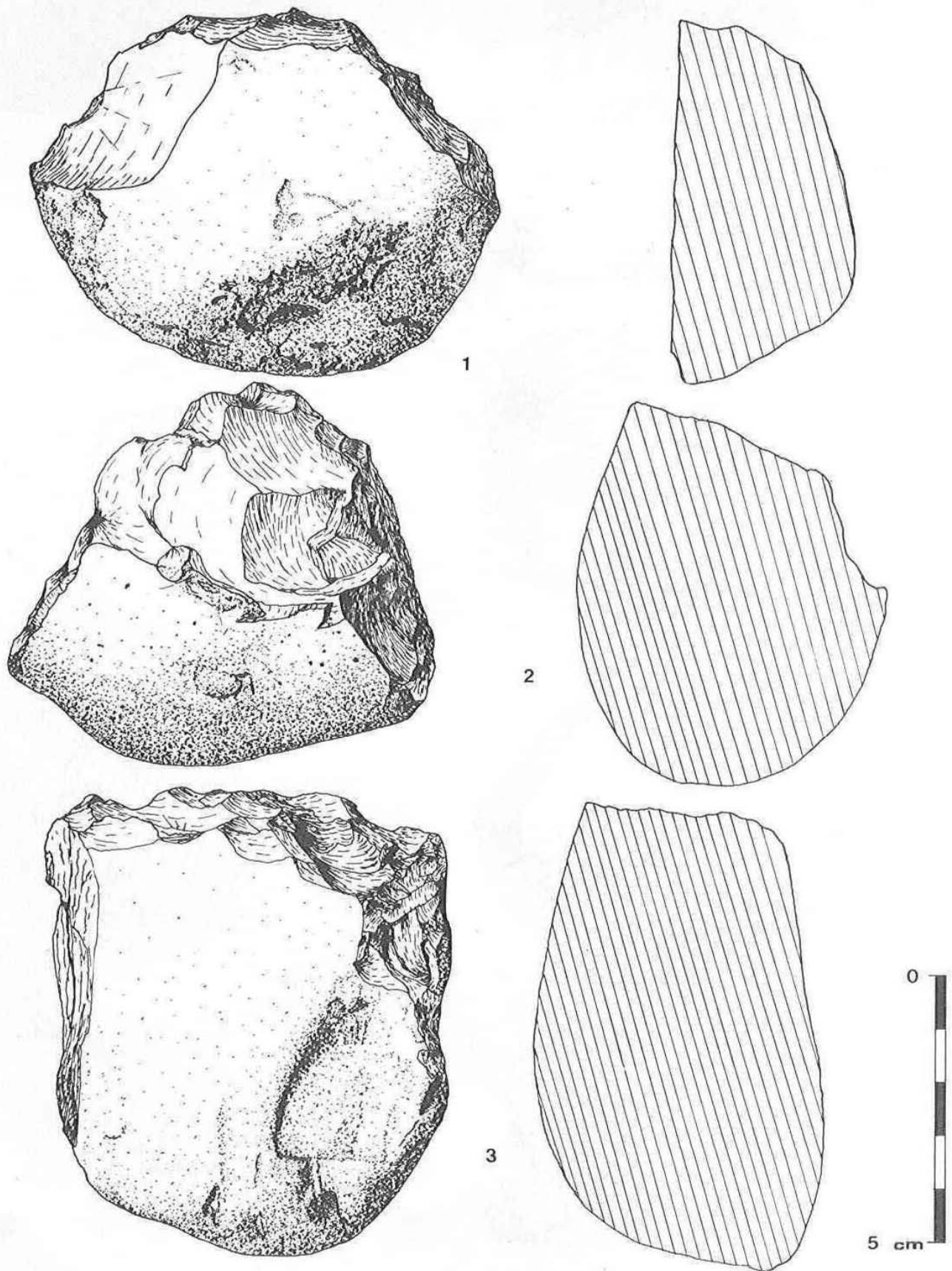
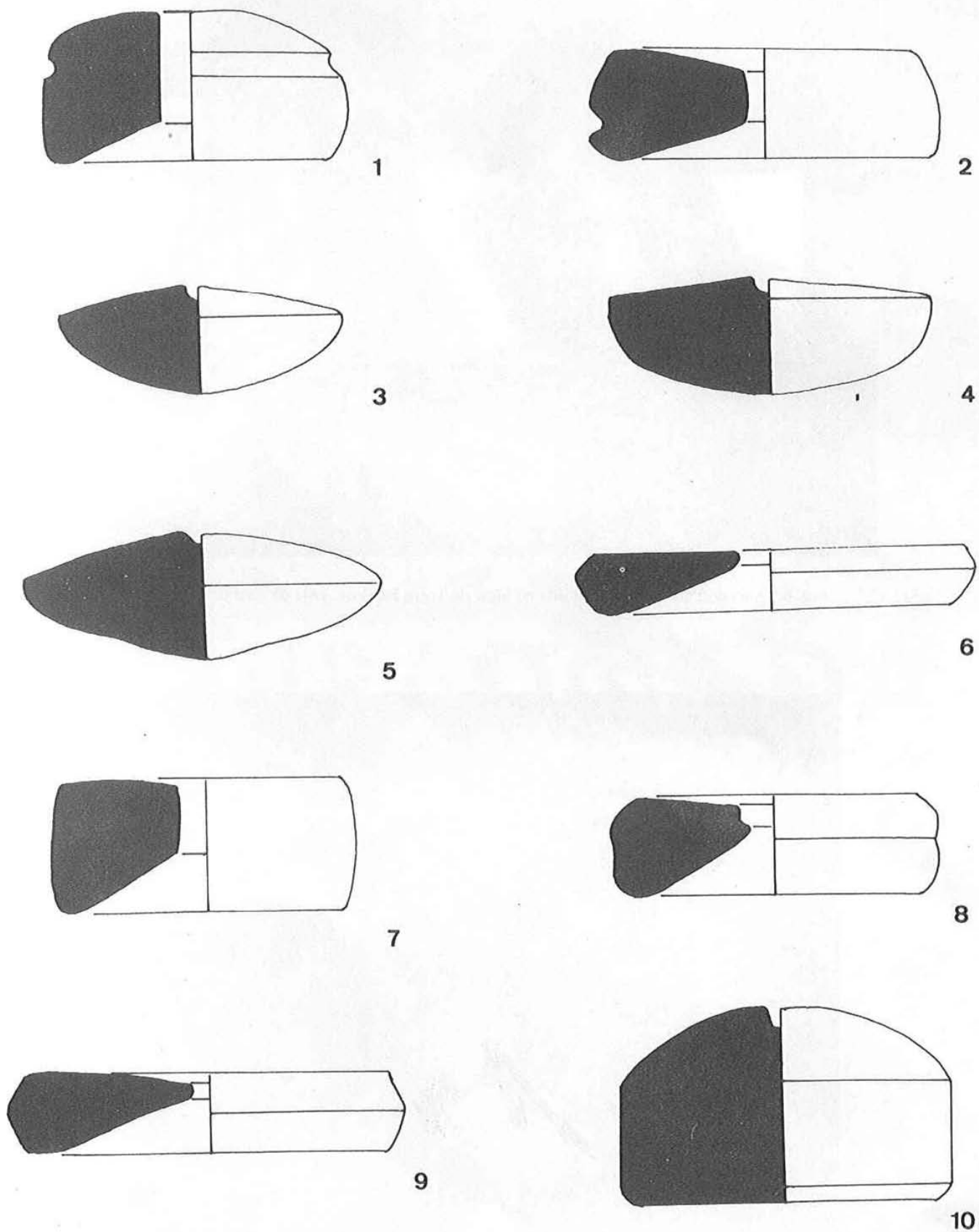


Fig. 4: Indústrias «languedocenses» encontradas na freguesia de Belver: 1. Seixo afeiçoado—Vale da Fonte; 2 e 3. Seixos afeiçoados—Alagoa.



Esc. 1:8

Fig. 5: Elementos de mó, encontrados na freguesia de Belver: 1 a 5. provenientes do sítio das Lameiras—Vilar da Mó; 6 a 10. provenientes do Ribeiro da Nata.

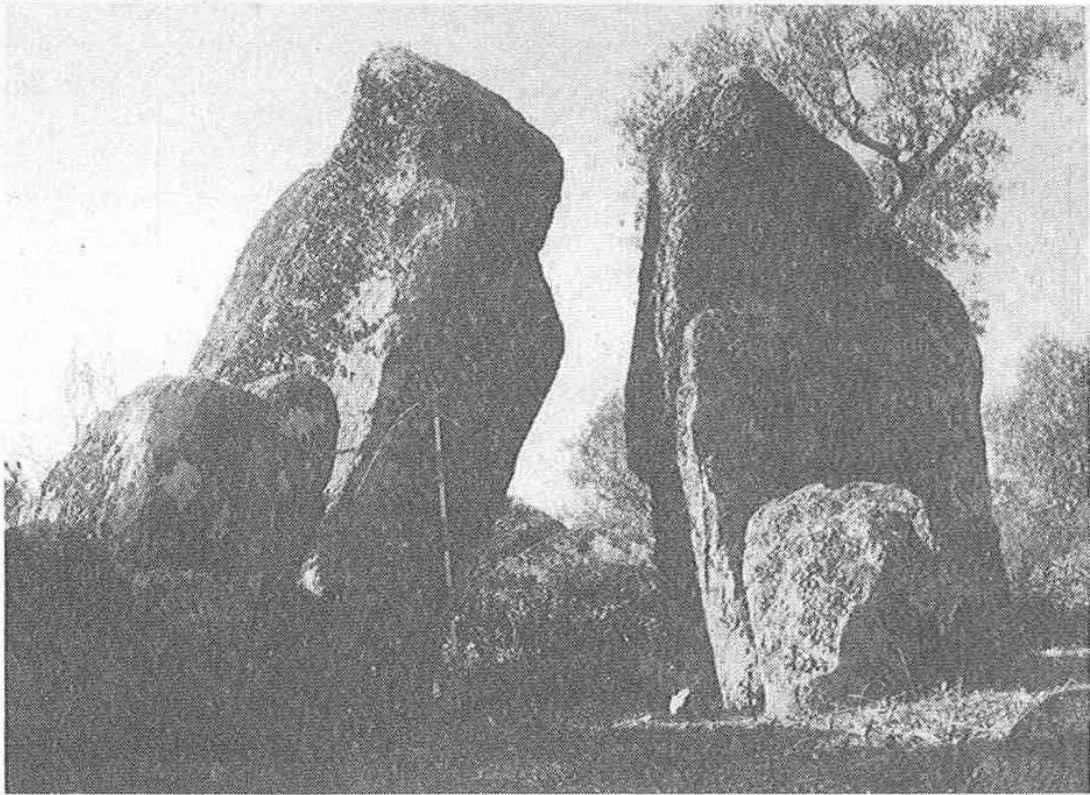


Fig. 6: Anta do Penedo Gordo, situada no lugar de Torre Fundeira, vista da zona do corredor.



Fig. 7: Ribeiro da Nara: placa funerária de BOVDELVS, a qual se encontra aplicada numa parede da fonte de S. Joaquim, naquela propriedade.



Fig. 8: Ribeiro da Nata: pesos de tear exumados durante os trabalhos de sondagem realizada naquele local, em Setembro de 1983.

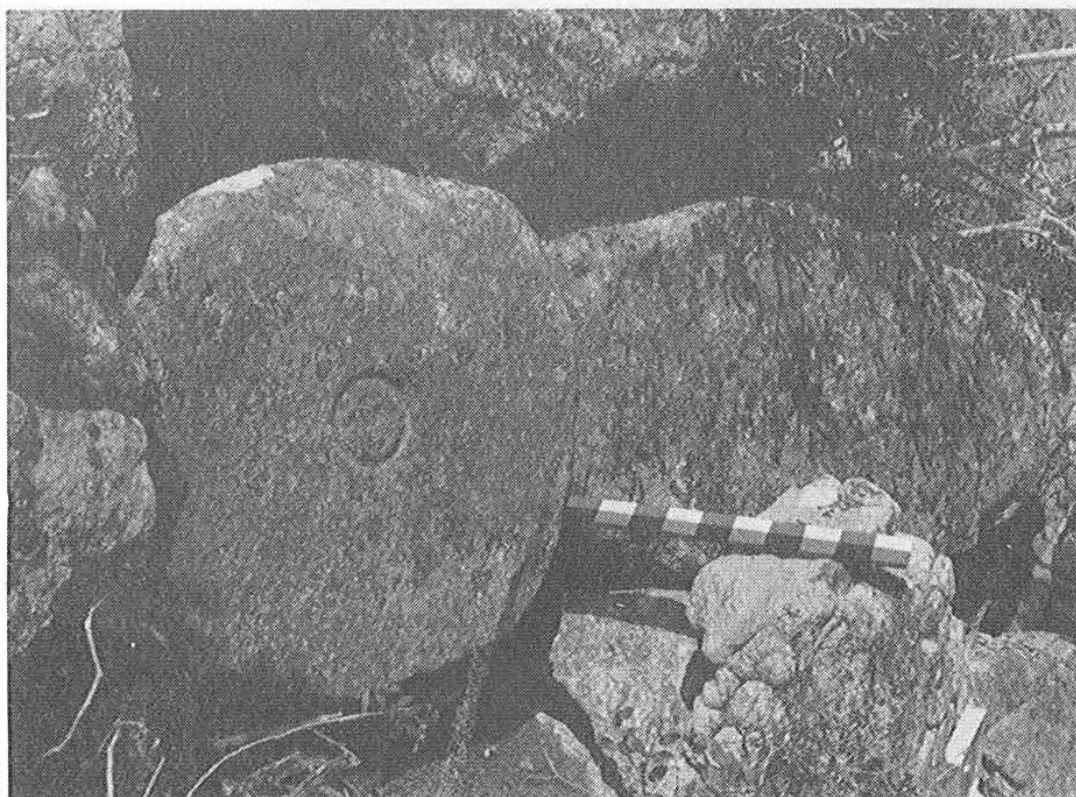


Fig. 9: Alvisquer: aspecto da «pedra da viola», cabeceira de sepultura de grandes dimensões.

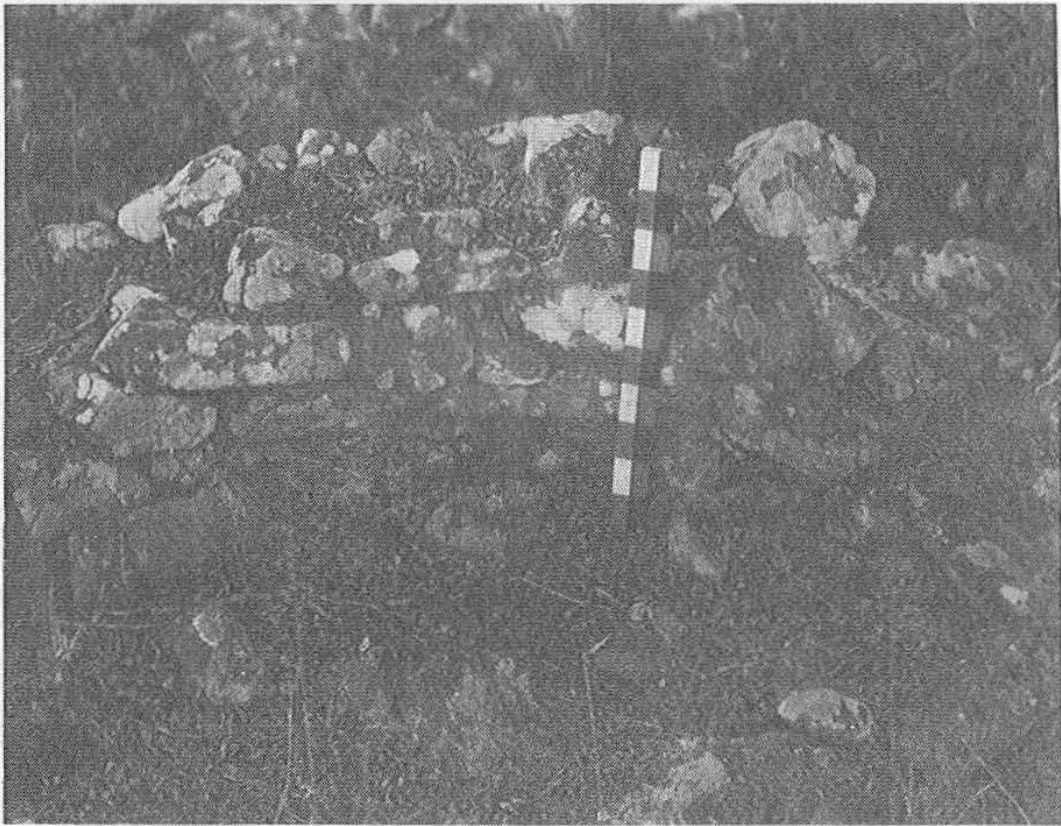


Fig. 10: Outeiro: construção absidal, em aparelho de «pedra seca», existente no sítio de Alagoa.



Fig. 11: Torre Fundeira: exterior da capela de N.ª S.ª das Sete Fontes. Modificações recentes alteraram definitivamente a traça do edifício original, construído nos meados do séc. XVI.

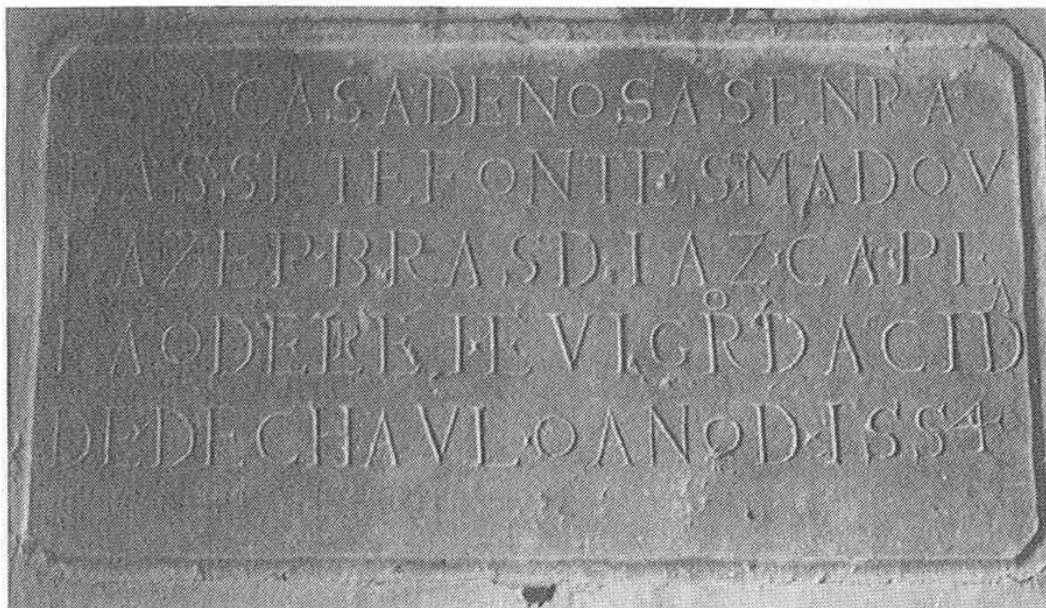


Fig. 12: Torre Fundeira: placa votiva, existente no interior da mesma capela.

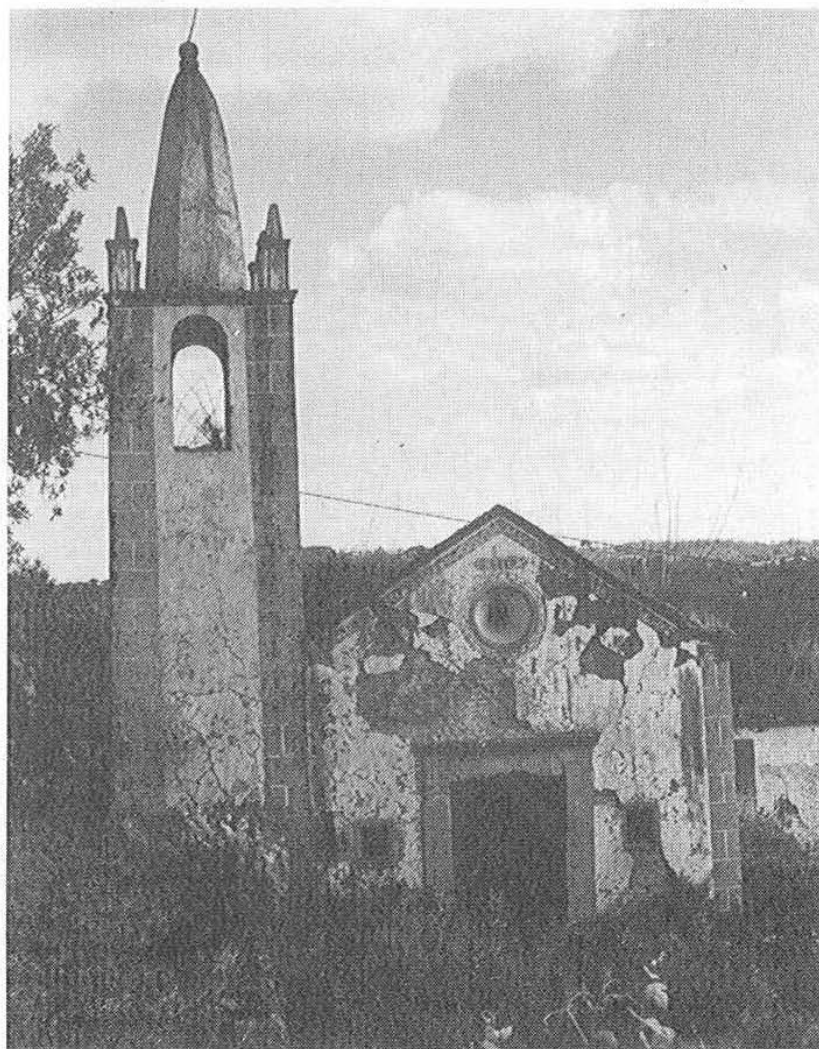


Fig. 13: Belver: capela de N.ª Sr.ª do Pilar, construção dos finais do séc. XVI.